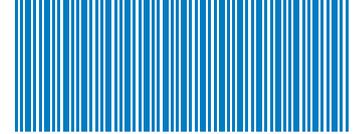


Editorial

A internet é um mar de letras que pode levar a portos nada educativos. Por isso, os alunos precisam aprender a navegar com a ajuda de seus professores, recomenda Flora Perelman, educadora argentina que vem estudando o impacto das tecnologias da informação e da comunicação nas salas de aula desde o surgimento da rede mundial. Nossa entrevistada também destaca algo que costuma ser negligenciado pelos professores quando lançam seus alunos no ambiente imprevisível da internet: “A chave são as palavras-chave”.

Para Flora, ensinar a buscar, conferir, comparar e validar as informações encontradas da rede funcionaria como uma espécie de bússola para uma navegação mais eficiente – e segura. Não basta ensinar “a técnica de buscar os sites que sejam pertinentes e confiáveis, como se fosse um gravador”, diz. E explica: “Buscar informações na internet não é uma técnica. É uma prática social de construção de conhecimento, de estudos. Qual é a diferença? Que vai depender do que eu vou estudar e do meu conhecimento sobre o tema”, explica a educadora, que assessorou o Ministério da Educação de seu país a preparar materiais didáticos e ensinar futuros professores a não terem medo de usar, junto com as turmas, as ferramentas sempre atualizadas das TICs. Por fim, ela recomenda que se façam visitas guiadas a sites com a classe, da mesma forma como ocorre nas visitas das escolas a museus. Uma visita guiada traz o conjunto de conhecimentos e a visão necessária para se ter uma apreensão confiável do que cada site/museu pode oferecer.

Dois artigos nesta edição amplificam esse debate, um deles de autoria da própria Flora Perelman. Em *Ferramentas para ensinar a ler e produzir em mídias digitais*, a discussão gira em torno das características essenciais desse novo leitor e autor em ambientes virtuais. Concentrando-se nas situações relacionadas às práticas de leitura na rede mundial de computadores em contexto de estudo, e também às práticas de produção digital no ambiente virtual, a autora busca definir



nesse artigo certas condições didáticas necessárias para que a cultura digital, uma das dez competências elencadas pela BNCC, se instale da melhor forma no conjunto de conhecimentos essenciais que a Educação Básica precisa entregar ao seu fim.

A exemplar experiência uruguaia de formação docente em educação virtual é contada, de forma analítica e historicamente contextualizada, pelo educador uruguaio Jorge Delgado Lasa, no segundo artigo sobre Educação e Internet desta edição: *O Plano Ceibal e a educação virtual formal no Uruguai*. O autor, pós-graduado em tecnologia educacional, é o atual responsável pelo Plano Ceibal (Conectividad Educativa e Informática Básica para el Aprendizaje en Línea), um ousado projeto de exploração dos recursos educacionais oferecidos pelos meios digitais que mudou a formação docente naquele país, a partir de uma experiência pioneira feita em 2001 com 1.228 professores. Para os uruguaios, explica o autor, o acrônimo Ceibal traz um duplo sentido, pois também é o nome que se dá ao conjunto de *ceibos*, árvore de onde brota a flor-símbolo do país (no Brasil ela é conhecida como crista-de-galo, bico-de-papagaio ou sapatinho-de-judeu). Alguns desdobramentos desse plano são comentados no artigo, como o surgimento de novas funções docentes (professores dinamizadores, professores de apoio ao Ceibal, professores tutores virtuais etc.) ou as nove edições, até o momento, do Congresso Siglo XXI: Educación y Ceibal, destinado ao desenvolvimento docente, e que a cada ocasião é sediado em uma cidade uruguaia. Um bom exemplo de política pública bem realizada, e que permanece dinâmica e prestigiada, formando professores que entrarão em suas primeiras classes seguros de poderem contar com o vasto arsenal pedagógico da internet e suas ferramentas maravilhosas.

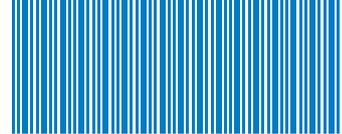
Como as crianças de uma creche veem o espaço onde passam boa parte do dia? Investigar as contribuições que a Geografia, mais especificamente o estudo de mapas, pode dar no sentido de trazer à tona a percepção algo subjetiva do espaço por parte de crianças de 5 a 6 anos é a proposta do terceiro artigo desta edição. Em *Uma proposta de pesquisa com o uso dos mapas sobre as vivências na educação infantil*, Daniel Poio Roberti investiga, à luz dos referenciais teóricos da Sociologia da Infância, Psicologia do Desenvolvimento e Geografia da Infância, “o que pensam, vivem e sentem” os frequentadores de uma creche pública em Angra dos Reis (RJ), onde a pesquisa



qualitativa se desenvolveu. Um aspecto importante desse artigo, além de confirmar o interesse natural das crianças por temas da Geografia desde a Educação Infantil quando estes se encontram bem contextualizados (a experiência mostra algumas etapas didáticas, como uma saída guiada pelo entorno da creche, a criação de plantas baixas pelas crianças etc.), é que os resultados obtidos e analisados foram também discutidos na própria instituição. Desta forma, a Universidade cumpre sua função de avançar o conhecimento sem negligenciar o papel decisivo daqueles que são seus “objetos de estudo” e que, por isso mesmo, merecem o cuidado de serem, eles próprios, sujeitos dessa aprendizagem ao receberem uma boa devolutiva dos pesquisadores.

O quarto artigo desta breve, porém densa, edição de *Veras* analisa a percepção do curso, dos professores, da instituição e da função do estágio entre alunos de Ciências Biológicas da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Renan Fernandes Moura, em *O perfil acadêmico e a visão discente sobre o curso de Ciências Biológicas de uma universidade federal: uma abordagem quantitativa*, revela que a matriz curricular do curso foi o aspecto mais criticado pelos pesquisados. Crítica esta que poderia ser sintetizada no comentário de um aluno que afirmou a respeito do currículo oferecido pelo curso de Ciências Biológicas que este “apresenta baixo potencial de aplicabilidade”. Uma advertência reveladora do choque de expectativas diante de uma proposta eminentemente conteudista e os desafios criados pelo universo do trabalho, em constante transformação. As más condições estruturais (como laboratórios e biblioteca) e a falta de diálogo entre professores e alunos também foram outros aspectos negativos apontados pelos alunos nessa pesquisa quantitativa.

Fecha a edição de *Veras* uma resenha sobre o Portal da Crônica Brasileira, um site produzido sob o criativo guarda-chuva cultural e educativo do Instituto Moreira Salles. Se não é nenhuma novidade em termos de lançamento, pois se encontra no ar desde 2018, entendemos que o portal ainda não teve o (re)conhecimento merecido. Ali, desfilam diariamente, alimentados por uma curadoria dinâmica e instigante, as reflexões de escritores como Clarice Lispector, Rubem Braga, Otto Lara Resende, Paulo Mendes Campos, Rachel de Queiroz e outros; tão atuais algumas que parece que seus autores



acabaram de escrever sua crônica do dia e depois do serviço feito saíram, felizes e satisfeitos, a dar um passeio em busca de nova inspiração. Que esta edição de *Veras* também seja inspiradora de boas, e cada vez melhores, aulas.

Regina Scarpa, diretora pedagógica do Instituto Vera Cruz

Ricardo Prado e Lisandra Ogg Gomes, editores da revista *Veras*

